DA INSCRIÇÃO À DISSOLUÇÃO: O MAIS-UM E A ESCOLA

Sueli Miranda

"Também é necessário que, com isso, eu instaure um turbilhão, um movimento em hélice que lhes seja propício".
Jacques Lacan

1 – O Cartel: célula da Escola

Para abordar a função do Mais-Um e o trabalho de cartel no espaço da Escola de Lacan, sublinho, de início, que compartilho da idéia de que a experiência de cartel possibilita a presentificação de um estilo. Partirei da indicação de Lacan em *D'Écolage* que situa o Mais-Um como o encarregado de velar pelos efeitos internos do empreendimento e de provocar sua elaboração. Assim, espero ressaltar os aspectos que tocam a responsabilidade e o compromisso com a Escola.

Quando Lacan, em 1980[1], retomou o cartel como órgão de base da Escola, o *princípio de dissolução*[2] foi relançado como estratégia para que a Causa Freudiana pudesse escapar do efeito consolidado de grupo que atingira sua Escola. Essa aposta no funcionamento e na permutação revela não só um estilo e uma maneira de conceber a Escola, mas constitui uma intervenção com vistas a fortalecer a *escritura* para fazer barreira à primazia dos efeitos de grupo sobre os efeitos de discurso.

Nessa ocasião, Lacan desapareceu do lugar em que era esperado, lugar do Outro, recusando-se a encarnar o *Um-da-orientação* que

sustentaria uma garantia engendrada pelo efeito de grupo. Valendo-se do princípio de dissolução, fez emergir menos os seus escritos e mais a *escritura*. Como uma voz que ressoa na letra, Lacan manejou antecipadamente o acontecimento de sua morte real, deixando restar em estado de *escritura* os traços que delimitam o litoral daquilo que constitui sua Escola.

Dessa maneira, a partir do ensino de Lacan, o compromisso com a causa analítica inclui instituir o lugar do cartel e seu funcionamento na Escola para a qual os sujeitos prestam contas de sua relação com o impossível no cotidiano de suas atividades. É neste sentido que podemos localizar a função do Mais-Um ao lado da responsabilidade e do compromisso com a estrutura da Escola.

É interessante observar que na *Ata de Fundação*[3], em 1964, o item que organiza a forma de apresentação dos sujeitos é exatamente *Do compromisso com a Escola*. Ali, Lacan fala do cartel como um acesso, através do qual alguém se *compromete* com a Escola. Assim, no que se refere à estrutura, temos: ao lado da garantia do ato, a instituição do *passe* e, ao lado da comunidade analítica, da produção de saber e do laço social, a instituição do *cartel*.

Se trabalhamos em cartel construindo a Escola de Lacan, sua estrutura e funcionamento orientam-se por uma *escritura*, uma *littera* que borda o litoral da Escola. É preciso que tenhamos certeza se, quando inventamos procedimentos diferentes, o fazemos pela Escola ou fora dela.

Em 1980, Lacan propõe um lugar de endereçamento (uma caixa de correio), um fórum onde haja intercâmbio da produção e uma publicação. Trata-se de sustentar a elaboração de saber através de um dispositivo que envolva quatro que se juntam e Mais-Um a descompletar o grupo. Nota-se, aí, o esforço de Lacan em fazer incidir a castração sobre a Escola, direcionando seu *raio* para sua célula, o cartel. A partir de uma lógica interna, que inclui a aceitação de que o saber não é todo, o funcionamento implica, também, na incidência do operador cronológico "*dois anos no máximo*" sobre o Mais-Um.

A dissolução do cartel, ao impor um limite de tempo externo à experiência, apresenta a *castração* e a impossibilidade do *Um* (impossibilidade da identificação e do saber total) para o Mais-Um que sentir-se-á tentado a prosseguir além do efeito consolidado de grupo. Segundo Marc Strauss, "o *princípio de dissolução* é uma reacomodação de todo sistema ou dispositivo, a fim de que um ponto de falta se mantenha sempre como resto[4]".

2 - Trabalho singular

Em 1980, Lacan aprimorou a teoria do cartel e a proposta de funcionamento da Escola; contudo, hoje, acrescentam-se a esse legado palavras com a mesma tonalidade ética sob a forma de uma Carta de Princípios afinada com a psicanálise, sua ética e suas conexões na contemporaneidade. Se investimos e apostamos no funcionamento do Espaço-Escola, torna-se imprescindível que, a cada novo empreendimento, reportemo-nos ao que já se constitui como uma *escritura* na história do Campo Lacaniano. A existência dos cartéis possibilita ao sujeito lançar seu desejo e produzir saber, colocando *algo de seu ali*. Sua produção será sempre singular, pois se apoia naquilo que tem de mais particular: seu desejo e sua própria análise.

No ensino de Lacan, a invenção do cartel é uma estratégia contemporânea para fazer frente ao mal-estar, sem se ater à idéia de totalidade tão comum nas formulações modernistas. É o espaço do saber articulado à ética. A estrutura do cartel constitui uma subversão do que foi a psicologia dos grupos, desenvolvida na segunda guerra mundial e, aí, Lacan mostra sua face contemporânea. O cartel não se confunde com um grupo fechado, regido por uma lógica imposta pela moral do poder ou por esta ou aquela ideologia. O trabalho, no que se refere à causa analítica, articula-se a uma política da psicanálise e não à política de representação. Do trabalho de análise ao trabalho em cartel, a singularidade é a tônica e a produção tomada na vertente do laço social surge como uma subjetividade que se apresenta enodando o singular e o coletivo. O trabalho incide sobre o gozo e é a economia do gozo que entra em questão quando o sujeito trabalha.

O *trabalhador decidido* opera, pois, a partir do *estilo* e não na posição do escravo. Trata-se de um sujeito decidido, por um lado, a não declinar do seu desejo e, por outro, a não perder de vista o coletivo. O trabalhador decidido não será nunca o trabalhador futurista encarnado no soldado *paladino do novo* (como um paladino da morte) tão fortalecido pelas vanguardas históricas no início do século XX. Se Lacan se inspirou em algumas idéias surrealistas para desenvolver alguns conceitos, tratou, também, de subvertê-las para adequá-las à especificidade de seu objeto de estudo. Há uma *distância lacaniana* entre a identificação ao sintoma[5] e a patente do *sem-nome*.

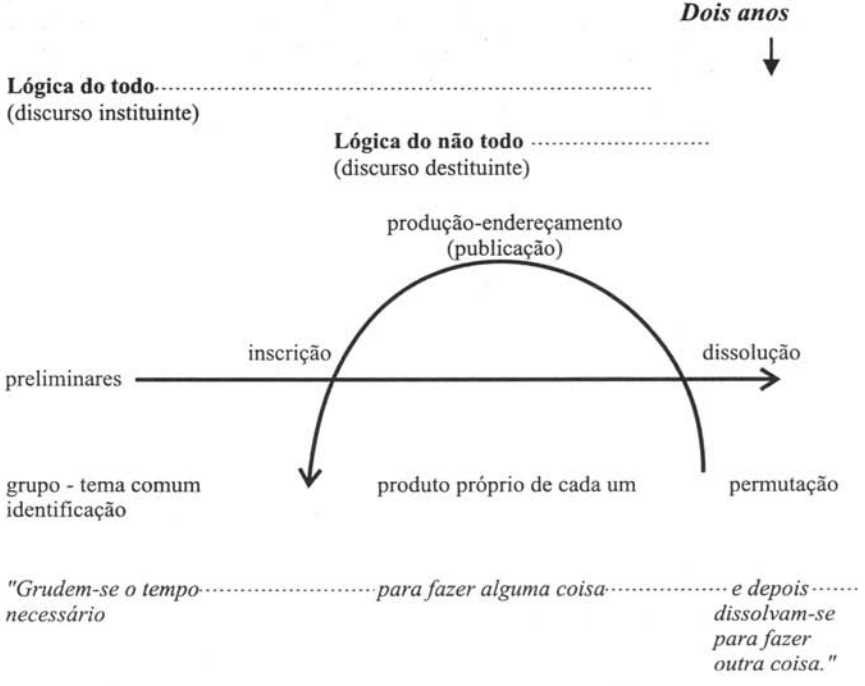
No pólo oposto ao *novo,* assimilado à realização da morte e a uma bandeira fálica, encontra-se o *novo* articulado a um saber sobre o desejo e à *varidade* do sintoma. Da *fantasia* ao *sinthome*, a presença da ética da psicanálise impede que haja confusão entre o *falo* e o *objeto a*, fato

que instaura uma *distância freudiana* entre o partido de representação e a causa analítica, entre *hierarquia e gradus*, entre o Nome-do-Pai e o nome de sintoma.

3 - Inscrição, produção, dissolução, permutação

Com relação ao trabalho em cartel, sugiro que localizemos a *responsabilidade* e o *compromisso* do Mais-Um sobre um certo percurso lógico:

a) Entrevistas preliminares
b) Inscrição
c) Produção e endereçamento
d) Dissolução



As discussões ***preliminares*** reordenam o vetor da lógica do funcionamento - da lógica do grupo à lógica do não-todo - e fazem precipitar o momento de concluir para cada um no que se refere ao tema específico, que coloca cada sujeito a trabalho sob um tema amplo comum. Os encontros

preliminares à inscrição do cartel são importantes à medida que o Mais-Um, nesse tempo, pode facilitar as discussões sobre a teoria do cartel, sua estrutura, funcionamento e lugar na Escola.

A ***inscrição*** na instituição inclui a responsabilidade do Mais-Um pela sustentação do trabalho de cartel - *grupo de uns* -, como referência da lógica da Escola.

O ***endereçamento***, já presente no momento da inscrição do cartel, acompanha a provocação da produção. O Mais-Um consente, por um lado, em não educar e, por outro, em não tomar a produção dos sujeitos para si, evitando permanecer no lugar do endereçamento. Consente em não responder do lugar de um saber inteiro e age sem obturar a circulação dos discursos: evita permanecer na posição do mestre e na posição de inteireza na qual seria tentado a responder a todas as questões ao invés de convertê-las em trabalho.

O Mais-Um provoca a ***produção,*** inclusive a sua própria, pois ele também se enlaça ao tema. No manejo do *empuxo-ao-grupo*, fazendo valer uma lógica que se aproxima do feminino, ele opera entre um furo estrutural no saber e a possibilidade do saber para cada um. Propõe o escrito como um efeito de discurso que faz barreira à tendência de perpetuar o gozo dos ditos. No cartel, o laço social se estabelece a partir de efeitos de discurso e é por isso que podemos dizer que o cartel é um dispositivo que serve ao discurso. O Mais-Um, ao sustentar a relação de cada um com aquilo que tem a produzir, favorece o movimento de tornar público essa produção.

A ***publicação*** opera um corte que faz barreira ao gozo da ilusão e da existência de um saber sem furo; faz barreira ao gozo de *esperar-tudo-saber-para-depois-publicar*. Se o escrito separa o sujeito dos seus ditos, do ponto de vista do campo do gozo, a publicação é um legítimo operador da castração, pois separará ainda o sujeito de seu produto. Isso possibilita que, apartado de seu produto, alguém possa datar a elaboração dos conceitos e acompanhar as mudanças de sua própria construção teórica como faz com a obra de outros autores.

Outro manejo da transferência de trabalho a ser considerado é o lugar dos quatro discursos, nos quais o Mais-Um opera, fazendo-os circular, embora ocupe mais freqüentemente uma posição de provocação. A solidariedade entre os discursos faz parte do dia-a-dia de uma Escola. Se o discurso do mestre institui e o do analista destitui[6], a Escola é o lugar dos quatro discursos (e não dos cinco), e o cartel, por ser a célula-base, deve responder a isso.

No final, a ***dissolução*** precipita o momento de concluir, mas dentro

de um tempo cronológico. Na dissolução, o Mais-Um reitera seu compromisso com a causa analítica, fazendo valer o princípio que visa a impedir que os efeitos de grupo ganhem força no espaço da Escola de Lacan. Uma Escola se sustenta enquanto pode suportar momentos de dissolução intrínsecos ao seu funcionamento.

O trabalho de cada um, no cartel, não se restringe ao escrito, mas realço sua função, pois acredito que os escritos, reivenções do sujeito, não devem ser abordados pelo controle partidário das publicações. As guerras modernas deram-se em um momento em que todos os escritos falharam, mas um psicanalista sabe que, quando os efeitos de discurso prevalecem sobre os estragos provocados pelos efeitos de grupo e pelo discurso do capitalista, promove-se não a guerra, mas o laço social.

Entre o escrito e a *escritura*, a inscrição e a dissolução, o Mais-Um é chamado a prestar contas de sua relação com a causa analítica. Por parte da instituição, a pouca importância dada aos cartéis e à formalização teórica de seu funcionamento pode ser um indicativo de que se está negligenciando a lógica própria da Escola. Além da possibilidade do passe como garantia do ato, sublinho a necessidade da teorização do cartel como célula da Escola. Não há remendo para o tecido significante. Pretende-se construir uma Escola.

Para concluir, refiro-me à tendência ao *Um-da-orientação*. O Mais-Um, manejando a polaridade entre o grupo e o funcionamento próprio do cartel, consente em se deixar levar por uma lógica que supõe a permutação, a ênfase no estilo e no produto próprio de cada um. Ao *empuxo-ao-Um-da-orientação*, o Mais-Um responde com a inscrição, a provocação da produção, a circulação dos discursos, a dissolução. Essa responsabilidade no trabalho de cartel é seu compromisso com a construção de uma Escola, que se pauta no particular do *estilo*, na *escritura* e não na orientação. Lacan apostou nisso.

Notas Bibliográficas:

*Trabalho apresentado no Fórum do Campo Lacaniano de Belo Horizonte em novembro de 1999.

1 LACAN, J. Seminário da Dissolução. In: *Escansión- La Escuela*. Buenos Aires, Ed. Manantial, 1989.

2 STRAUSS, M. *Lacan y el principio de disolución*. Trad. R. D'Ambra. Rede-de-fóruns Brasil, 20/10/98.

3 LACAN, J. Acta de Fundacion. In: *Escansión- La Escuela*. Buenos Aires, Ed. Manantial 1998. p. 13

4 STRAUSS, op. cit.

5 BRUNO, P. *Elucidation – De l'exception à l'impossible*.

6 QUINET,A. Seminário *As estruturas clínicas no campo do gozo*. Transcr. Clícia Magalhães. IPSEMG, Belo Horizonte, 20/05/2000.